

O que se fala sobre Educação Ambiental na internet

What's been said about environmental education on the internet

Bianca Della Líbera

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ/RJ

Professora Regente da Rede Municipal do Rio de Janeiro – SME/RJ

blibera@ioc.fiocruz.br

Resumo

A Educação Ambiental vem ganhando cada vez mais espaço tanto na esfera formal quanto na informal. Cada vez mais é preciso que a sociedade se dê conta de que os problemas ambientais que enfrentamos têm suas raízes em questões mais profundas que apenas nossas atitudes individuais de desperdício e uso displicente de recursos naturais. Com a inserção da temática ambiental no ensino formal e a crescente disponibilidade e uso da tecnologia, em especial a internet, nas escolas, torna-se necessário conhecer o material disponível na rede. O objetivo deste trabalho foi comparar os conceitos de Educação Ambiental presentes em páginas recuperadas através da ferramenta de busca Google no ano de 2006 com os conceitos presentes em páginas recuperadas pela mesma ferramenta neste ano. Pode-se perceber que, embora se discuta cada vez mais a questão ambiental, os conceitos presentes na rede não foram muito diferentes nos dois momentos de pesquisa.

Palavras-chave: Educação ambiental; internet; ferramentas de busca; Google.

Abstract

The importance of environmental education is growing in both formal and informal education. Society needs to be aware that environmental problems are closely related to both individual and social issues. As topics related to the environment are being widely debated in schools, which are also gaining improved access to new technologies, especially the internet, it is necessary to know the new materials available. This study aims at comparing the concepts relates to environmental education present in web pages found in Google searches performed in 2006 and 2011. Although much has been discussed about the topic, the content analyzed has not varied significantly.

Key words: Environmental education; internet; search engines; Google.

Introdução

A sociedade em que vivemos hoje, preocupada com a satisfação de suas necessidades básicas, e excessivamente consumista e imediatista, exerce uma forte pressão sobre o meio ambiente. O desgaste dos recursos naturais e a produção excessiva de resíduos, em sua dimensão natural, e as condições de vida precárias de grande parte da população mundial, em sua dimensão social, podem ser citados como exemplos dessa pressão.

Os movimentos ambientalistas que a princípio preocupavam-se somente com a dimensão natural do meio ambiente, aos poucos perceberam que tais problemas tinham suas raízes nos valores dessa sociedade de consumo e passaram também a incluir a dimensão social na luta por uma sociedade ambientalmente justa.

Da necessidade de se rever os valores de nossa sociedade surge uma nova tendência educacional: a Educação Ambiental (EA). Voltada não apenas para a discussão de questões acerca do ambiente natural, mas pregando também que o conceito de ambiente deve incluir aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais da espécie humana, a EA procura caminhos para a superação da crise civilizatória da atualidade.

Sendo a educação uma atividade social que atua no sentido de desenvolver a produção social como cultura e de construir e reproduzir valores sociais, podemos considerá-la não apenas como forma de reproduzir a sociedade vigente, mas também como oportunidade de reflexão sobre possíveis mudanças em tal sociedade (LOUREIRO, AZAZIEL E FRANCA, 2003). Qualificar um processo educacional com o uso do termo *ambiental*, como usado na expressão Educação Ambiental, é incluir na concepção de educação questões ligadas à qualidade ambiental, sem perder de vista que o ambiente é formado por elementos bióticos e abióticos que estabelecem entre si relações de interdependência.

Assim, a EA é uma entre muitas outras dimensões da educação (GUIMARÃES, 2004). E, assim como outras propostas de educação, existem diferentes visões do que é a EA. São reconhecidas duas abordagens principais em EA: a conservadora, comprometida com a perpetuação do modelo de sociedade em que vivemos, e a crítica, que trabalha para que a sociedade caminhe em direção à igualdade e à justiça social.

A abordagem conservadora, por estar baseada numa visão liberal, mecanicista e antropocêntrica do mundo, não é capaz de relacionar os problemas ambientais com as questões sócio-políticas e econômicas. Aponta o homem genérico, não incluído nos contextos histórico, político, social e cultural, como causador e receptor do ônus da degradação ambiental: todos contribuem e sofrem igualmente com ela.

A educação é focada no indivíduo e baseada em vivências práticas, e seu viés ambiental baseia-se no conservacionismo, sendo este despolitizado e desconectado do social. Existe uma discussão sobre a redução do consumo, mas esta está descolada da discussão sobre o modo de produção que define a sociedade consumista.

Fala do desenvolvimento sustentável, pregando que é possível, nos moldes atuais, promover o progresso da sociedade e a conservação dos recursos para gerações futuras. Feita nesse sentido, a EA apenas contribui para uma leve conscientização ecológica, porém não permite que os indivíduos vejam a possibilidade de trabalhar em conjunto para reverter o quadro de degradação socioambiental em que vivemos hoje.

Esse conjunto de ideias leva a crer que a crise ambiental é um mal necessário e que nada podemos fazer além de algumas ações individuais que contribuam para que o planeta tenha uma pequena sobrevida. Nessa perspectiva, a sociedade é transformada a partir do momento em que os sujeitos se transformam individualmente: basta que se ensine o certo e o errado para que aconteça uma mudança de atitudes em cada sujeito, que será refletida na sociedade (GUIMARÃES, 2000).

Desta forma, a solução de problemas ambientais locais torna-se atividade-fim da EA, que para no momento em que determinado problema que atinge um grupo restrito de indivíduos é solucionado, o que não proporciona plena conscientização sobre os reais motivos de tal problema, nem sobre suas implicações socioambientais (LAYRARGUES, 1999).

Por outro lado, a abordagem crítica, ao apresentar uma visão complexa do meio, entende que os problemas ambientais não podem e não devem ser dissociados das questões sócio-políticas e econômicas, uma vez que estas esferas também são partes constituintes do meio ambiente e interferem contra ou a favor deste. Procura nomear os distintos atores sociais que causam e sofrem com a degradação ambiental, pois reconhece que a sociedade não é um simples somatório de indivíduos, mas um conjunto de classes sociais distintas e de interesses antagônicos que interagem entre si. Assim, alia à necessidade de conscientização ecológica a necessidade da luta pelos direitos coletivos, sociais e ambientais, contribuindo positivamente para a formação de cidadãos mais conscientes e participativos socialmente.

A educação é entendida primordialmente através da pedagogia freireana (LOUREIRO, 2005), sendo bastante claro que não se podem dissociar os processos educativos da conscientização política, direcionando seus sujeitos à participação social e ao exercício da cidadania. Há uma preocupação concreta em estimular o debate entre o conhecimento popular e o científico, para que os saberes sejam redefinidos e ressignificados. E não é possível separar a discussão dos processos produção e consumo, nem descolar tal discussão do contexto-sócio-histórico e dos interesses público e privado.

Nessa perspectiva, a transformação da sociedade tem uma relação dialética com a transformação de cada indivíduo: indivíduos influenciam a sociedade ao mesmo tempo em que são influenciados por ela (GUIMARÃES, 2000). Assim, a solução dos problemas ambientais locais é utilizada como um tema-gerador da EA, que propicia a reflexão sobre as raízes sócio-políticas e econômicas desses problemas. Abre-se espaço para o questionamento do modelo social em que estamos inseridos, e podem-se discutir formas de se reverter o quadro de crise ambiental através da modificação desse modelo de sociedade.

Como consequência da inserção da temática ambiental no contexto escolar, temos hoje uma grande e crescente variedade de materiais impressos, audiovisuais e digitais que buscam contemplar o campo da EA. Em muitos desses materiais evidenciamos a falta de clareza quanto aos conceitos que os embasam, ou ainda a superficialidade com que a EA é, por diversos motivos, tratada.

Torna-se importante, então, desenvolver técnicas e ferramentas que nos permitam evidenciar qual conceito de EA está embutido nos materiais que nos são apresentados, para não correremos o risco de cair em modismos e passar adiante conceitos que contribuam para a manutenção do *status quo* no que se refere ao modelo de sociedade que temos hoje, que se move no sentido do colapso ambiental. A análise do conteúdo dos materiais que pretendemos utilizar favorece o desenvolvimento de nosso espírito crítico e facilita a escolha consciente daquilo que é mais adequado ao tipo de abordagem com a qual nos identificamos e no qual nosso trabalho é baseado, contribuindo para uma educação verdadeiramente emancipatória.

O objetivo deste trabalho é comparar o conteúdo de três *websites* mostrados como os mais relevantes pela ferramenta de busca Google quando pesquisamos os termos “educação ambiental”, avaliados qualitativamente no ano de 2006, e o conteúdo dos três *websites* mostrados como os mais relevantes pela ferramenta de busca Google no ano de 2011 quando pesquisamos temas em EA relevantes para alunos e professores. Tal análise pretende identificar que linhas de pensamento regem os discursos de EA dentro da internet, e a evolução dessas linhas nesse espaço de tempo.

Podemos perceber, no entanto, que o assunto não se esgota neste trabalho. E nem era pretendido que assim fosse. A análise do conteúdo de EA na internet é um campo pouco explorado e que merece atenção devido às proporções que o uso desta mídia vem alcançando.

A primeira etapa da pesquisa, concluída em 2006, foi parte do trabalho de conclusão do curso

de Especialização em Educação Ambiental da Universidade Candido Mendes, enquanto a segunda etapa, conduzida em 2011, é parte do projeto de dissertação do Mestrado Acadêmico em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz – RJ.

Desenho metodológico

Uma vez que não há protocolo definido para coleta de material em sítios de busca da web (RIBISL *et al.*, 2003), decidimos trabalhar com os três primeiros links (primeira página da busca) listados pela ferramenta de busca Google (www.google.com.br). Como esta ferramenta indexa a maior parcela de sítios da rede, chegando a quase 80% da web indexada (GULLI & SIGNORIN, 2005), torna-se desnecessário o uso de outras ferramentas para comparação.

A escolha da ferramenta Google e a determinação do número de páginas coletadas foram feitas também com base em estudos que relatam ser esta a ferramenta mais utilizada e preferida pelos usuários (SILVA E FREITAS, 2006; HOCHSTOTTER E KOCH, 2009), e por outros que afirmam que a maioria dos usuários costuma olhar apenas ou preferir verificar os resultados da primeira página (CADASTRA, 2005; SILVA E FREITAS, 2006).

Segundo o motor de busca Google, as ocorrências são ordenadas combinando-se o número de *links* de outras páginas que apontam para a página listada, a importância (ou peso) destas páginas que apontam para a página listada e a adequação da página listada ao tema buscado.

A coleta de dados foi feita em duas etapas. No dia 20 de agosto de 2006 foram feitas buscas na ferramenta Google pelos termos “educação ambiental”. Os termos foram buscados entre aspas para que fossem retornadas apenas ocorrências onde as duas palavras aparecem juntas e seguidas uma da outra. A pesquisa foi feita nas três modalidades disponíveis na página da ferramenta (pesquisa na web, por páginas em português e por páginas do Brasil) totalizando 3 páginas com 10 resultados cada. As páginas selecionadas nesta etapa foram acessadas e salvas para a análise em 01 de setembro de 2006.

No dia 20 de abril de 2011 foi feita a mesma busca na mesma ferramenta. A página de resultado da pesquisa e as páginas a serem analisadas foram armazenadas eletronicamente usando-se o software WebZIP 7.0 (www.spidersoft.com).

A análise de conteúdo das páginas foi feita sob a luz da metodologia proposta por Bardin (2004). Num primeiro momento foi feita a leitura global das páginas, com o objetivo de se obter uma primeira impressão do conteúdo de cada uma delas.

A seguir, o conteúdo foi analisado segundo o protocolo apresentado no Quadro 1, desenvolvido como parte do projeto de pesquisa de mestrado citado anteriormente. A forma de caracterização da página e do texto foi baseada no protocolo de análise da imprensa escrita proposto por Bauer, Ragnarsdottir & Rudolfsdottir (1995), enquanto os referenciais de EA foram escolhidos levando-se em consideração que a forma de abordá-los está intimamente ligada à definição das abordagens em EA definidas neste trabalho (LAYRARGUES, 1999; GUIMARÃES, 2000; REIGOTA, 2004; LOUREIRO, 2004).

CARACTERIZAÇÃO DA PÁGINA	
URL	
TIPO DE SITE	
POSIÇÃO NO BUSCADOR	
ANÚNCIOS	
IMAGENS	
VÍDEOS	
CARACTERIZAÇÃO DO TEXTO	

TÍTULO	
SUBTÍTULO	
AUTORIA	
PÚBLICO-ALVO	
REFERENCIAIS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
VISÃO DE MUNDO	
RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA	
PROCESSO EDUCATIVO	
INTERVENÇÃO NO AMBIENTE	
SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS AMBIENTAIS	

Quadro 1: Protocolo de análise das páginas.

ANÁLISE DAS PÁGINAS

Páginas coletadas em 2006

O primeiro resultado listado foi a página inicial de uma revista eletrônica, que apresentava apenas o parágrafo inicial de cada um dos artigos encontrados naquela edição. Nestes fragmentos encontramos afirmações contraditórias no que diz respeito às abordagens da EA utilizadas, o que pode ser verificado na análise da íntegra de seu editorial. A decisão pela análise do editorial foi feita com base na afirmação de Abreu e Martins (2005) de que o editorial de uma revista tende a resumir mais claramente as posições e conceitos com os quais a mesma trabalha.

No editorial dessa revista percebemos referências à abordagem mais conservadora da EA. Em diferentes momentos a autora fala da mudança de hábitos e atitudes em relação à conservação do meio ambiente, exemplificando que pequenas mudanças individuais podem promover mudanças no entorno. Tais proposições vão ao encontro do pensamento sistêmico da sociedade, que a vê como a simples soma dos sujeitos que a compõem. Além disso, o meio ambiente é exemplificado apenas nos recursos naturais; o contexto sociocultural é deixado de lado. Um trecho que exemplifica essa análise é:

“(...) precisamos de muitas pequenas ações diárias, rotineiras, simples para que novos hábitos sejam incorporados, pouco a pouco, em nossas comunidades no que tange à proteção e valorização do meio ambiente, a exemplo da economia dos recursos naturais. Somadas, com certeza serão significativas em um contexto mais amplo (...).”

Tal contradição é reforçada pela análise dos fragmentos dos outros artigos presentes na página inicial. Dois deles apresentam a ciência, a tecnologia e o modo de produção relacionados à degradação ambiental, enquanto um terceiro coloca em discussão a dicotomia entre desenvolvimento sustentável e sustentabilidade. Tais fragmentos sugerem maior proximidade com a abordagem crítica da EA uma vez que, segundo Jacobi (2003, p. 3), “a preocupação com o desenvolvimento sustentável representa a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam as comunidades”. O segundo resultado aponta para um portal cuja missão é

“estimular a ampliação do conhecimento ambiental e a formação de uma consciência crítica sobre os problemas e soluções para o meio ambiente, idealizando a obtenção de conhecimentos de forma organizada, sistemática e com velocidade, através de ambientes que orientam, informam e oferecem facilidades” [grifos do autor].

É apresentado um conceito de EA seguido de estratégias de ensino para sua prática, noções básicas, características dos ecossistemas urbanos e exemplos de atividades para comunidades florestal e agrícola, além de um *link* para a Lei nº 9.795/99 (BRASIL, 1999), que institui a Política Nacional de Educação Ambiental.

O portal apresenta muitos pressupostos da EA conservadora. Acredita na educação, e na escola, como redentora da sociedade, pois a coloca como a principal responsável pela educação do indivíduo; trata dos problemas ambientais apenas no âmbito dos recursos naturais, ignorando seus componentes socioculturais; fala na modificação de hábitos e atitudes dos indivíduos através do conhecimento e em prol da melhoria da qualidade de vida destes, e da necessidade de se modificar o comportamento do homem (genérico) em relação à natureza dentro de um modelo de desenvolvimento sustentável, onde práticas econômicas e conservacionistas seriam compatibilizadas. Com isso, não propõe mudanças no modelo de sociedade de consumo.

As estratégias de ensino propostas tendem a utilizar a resolução de problemas locais como atividade-fim da educação ambiental, não havendo espaço para se utilizar essa atividade como gatilho para discussão de suas causas reais. É importante ressaltar que o portal indica como fonte de elaboração das estratégias UNESCO, UNEP (United Nations Environment Programme)¹ e IEEP (Institute for European Environmental Policy)². Como se supõe que essas entidades trabalhem na promoção de uma EA crítica, torna-se necessário saber em quais documentos foi feita a pesquisa. Assim, podemos analisar se a abordagem adotada nas estratégias deveu-se a uma interpretação errônea dos documentos ou à presença, nestes documentos, de uma perspectiva diferente daquela previamente suposta.

Dentre as noções básicas para a EA mostradas, algumas se referem ao meio ambiente natural e outras à sociedade. No entanto, é interessante observar que, embora se faça uma relação entre crescimento populacional e capacidade de suporte do planeta, é dito que essa capacidade pode ser “*melhorada ou degradada pelas atividades humanas*”, o que pode nos levar a concluir que a capacidade de suporte do planeta é infinita.

Ao apresentar as características dos ecossistemas urbanos, o portal faz uma comparação entre ecossistemas naturais e ecossistemas humanos, deixando o homem em clara posição externa à natureza. Na descrição dos ecossistemas naturais são enfatizadas as relações de equilíbrio e manutenção dos ecossistemas biológicos, enquanto nos ecossistemas humanos a ênfase recai sobre a utilização da tecnologia. Além disso, generaliza o homem de tal forma que chega a afirmar que *[os ecossistemas humanos] “permitem que as populações cresçam tão rapidamente quanto podem aumentar a disponibilidade de alimentos e abrigo”*, como se esses recursos – alimentos e abrigo – fossem acessíveis a todos os indivíduos igualmente.

Nas atividades propostas para a comunidade florestal (aquela presente em vilas de empresas florestais), é indicado que os programas objetivem mostrar a essa comunidade a relação entre as florestas e os produtos que dela saem. Neste momento, são citados como produtos originariamente florestais móveis, materiais de construção, papel, e como seus produtos indiretos microclima, presença de pássaros, água de consumo e lazer. Ou seja, elementos não ligados à tecnologia humana são secundarizados.

Fala-se da EA voltada para a consciência e a prática conservacionistas, através da execução de projetos interdisciplinares de resolução de problemas locais abordando temas como reciclagem de lixo, agricultura orgânica, arborização urbana e preservação do ambiente. Quanto à participação da comunidade, sugerem-se atividades como caminhadas e campanhas

¹ Em português, Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente).

² Em português, Instituto para a Política Ambiental Europeia.

de conscientização. Tais atividades, no entanto, não estimulam nos participantes uma reflexão mais profunda sobre os temas que possa levar à proposição e apresentação coletiva de soluções para problemas, que é o objetivo das atividades de EA segundo Reigota (2004).

Nas atividades propostas para comunidades agrícolas, o objetivo permanece o mesmo: demonstrar que os recursos naturais bem aproveitados e preservados trazem benefícios para a comunidade humana.

O terceiro resultado aponta para um projeto independente de EA Infantil desenvolvido a partir da proposta de Alfabetização Ambiental. A página apresenta apenas um *link* para outra página que destaca conteúdos do próprio *website* e *links* para páginas externas. Como a página inicial apresentava pouca informação, foi escolhida para análise a página que aparecia no menu sob o título “O que é Educação Ambiental?”.

A autora apresenta nesta página diferentes definições de EA. É interessante notar que logo no início de seu texto, ela sinaliza que o conceito de EA é variado e depende do contexto em que é empregado e da vivência de cada um. Mostra a evolução do conceito, que se inicia com caráter basicamente naturalista, passa por uma fase positivista fundamentada na educação para o desenvolvimento sustentável e é ampliada nos dias de hoje para um conceito de educação para a sustentabilidade, que envolve a tentativa de mudanças significativas na sociedade.

Apresenta também, de forma implícita, sua preferência pela EA crítica, que implica em uma forma de pensar mais complexa, mas escolhe apresentar diferentes definições encontradas na internet para colaborar com uma visão mais abrangente e com a elaboração do conceito de EA. Dentre as fontes de consulta há *websites* de órgãos do estado (nas três esferas de governo), de ONGs e de indivíduos, muitas delas apresentando citações de conferências para o meio ambiente e trabalhos de autores reconhecidos dentro do campo de atuação da EA.

Podemos perceber que, embora a autora escolha mostrar diferentes definições para a EA, a maioria delas converge para uma visão mais crítica. As definições escolhidas mostram a EA como uma prática educacional que leva o indivíduo a se perceber inserido no ambiente natural, estabelecendo relações contextualizadas entre o indivíduo, a coletividade e o meio ambiente. Falam ainda de mudanças de comportamentos e valores, baseadas no entendimento das relações de poder entre os homens e na relação dos modos de produção da sociedade atual com a degradação ambiental e social.

Algumas definições, no entanto, enfatizam a questão da preservação do ambiente deixando de lado sua contextualização. Tais definições enfatizam o conhecimento do funcionamento dos sistemas naturais, a interferência do homem neles e a busca pela solução dos problemas causados por tal interferência.

Páginas coletadas em 2011

O primeiro resultado da pesquisa foi a página de Educação Ambiental da Wikipedia. A página não apresenta anúncios, links ou vídeos, não é destinada a um público-alvo específico e não é possível identificar a autoria do texto, uma vez que este é escrito e editado em colaboração por diferentes usuários da rede.

Logo no início da página existe um aviso de que o conteúdo precisa ser reciclado e editado para atingir um nível de qualidade superior, e assim não foi possível identificar todos os tópicos definidos no protocolo de análise.

O texto é bastante inclinado à abordagem crítica da EA, apresentando como um de seus objetivos a superação da visão antropocêntrica do mundo, que fez com que o homem

esquecesse a importância da natureza. Faz questão de colocar o ser humano como parte do ambiente, e de reconhecer que a crise ambiental que experimentamos hoje é uma questão tanto política quanto ética, destacando que a EA assume, no Brasil, uma perspectiva mais abrangente, comprometida com a construção de sociedades sustentáveis. Esta característica da EA no Brasil é salientada por Reigota (2008).

A educação é colocada como um processo participativo e permanente, que deve auxiliar na formação de indivíduos capazes de transformar a realidade em que vivem considerando tanto os aspectos naturais quanto os sociais. A solução de problemas ambientais e sociais é vista como um tema gerador capaz de favorecer o entendimento das causas profundas desses problemas, desenvolvendo no educando valores e atitudes capazes de transformar sua realidade e de favorecer uma relação mais igualitária entre os homens e a natureza.

O segundo resultado foi o mesmo da pesquisa feita em 2006. Embora o layout da página tenha passado por modificações, o conteúdo permaneceu o mesmo, tendo sido amplamente discutido na seção anterior.

O terceiro resultado aponta para a página de uma organização não governamental (ONG)/sociedade civil de interesse público (OSCIP) que atua, entre outros, com projetos de EA junto a escolas da região em que se localiza.

O texto começa com uma definição de EA, seguida de valores associados a ela, sua importância no contexto escolar e os princípios gerais associados à sua prática. O conteúdo apresentado aproxima-se bastante da abordagem crítica, pois defende uma visão holística do mundo, onde o homem faz parte do ambiente e deve viver em simbiose com as diferentes formas de vida. No entanto, vale notar que apesar da afirmação de que as demais espécies merecem respeito, o texto ressalta que *“a manutenção da biodiversidade é fundamental para a nossa sobrevivência”* (grifo meu).

Além dos aspectos naturais do meio ambiente, o texto também inclui questões sociais e econômicas como determinantes da qualidade ambiental dos sujeitos.

A educação é colocada como um processo coletivo em que o educando deve ocupar o lugar central. Diferentemente das outras páginas, esta fala especificamente da educação formal: ela é essencial na transmissão dos valores desejados pela sociedade. São propostas várias atividades escolares que usam a resolução de problemas ambientais como tema gerador de discussão e reflexão capaz de encorajar posturas individuais e sociais construtivas. É interessante salientar que Reigota (2004) aponta a escola como um espaço privilegiado para as práticas de EA, desde que a metodologia utilizada leve em consideração que o processo pedagógico deve ser aberto, democrático e dialógico.

A posição adotada pelos autores é bem representada pelo seguinte fragmento:

“(...) a escola deverá oferecer meios efetivos para que cada aluno compreenda os fenômenos naturais, as ações humanas e sua consequência para consigo, para sua própria espécie, para os outros seres vivos e o ambiente. É fundamental que cada aluno desenvolva as suas potencialidades e adote posturas pessoais e comportamentos sociais construtivos, colaborando para a construção de uma sociedade socialmente justa, em um ambiente saudável.”

Vale notar que as atividades propostas pelo grupo para as escolas contam com embasamento teórico-prático, e os sujeitos envolvidos devem trabalhar não só no espaço escolar, mas também procurar o envolvimento da comunidade, de forma a contextualizar as questões ambientais e percebê-las num quadro maior, tendo uma visão holística do mundo em que vivem. A EA é trabalhada no sentido de formar cidadãos ambientalmente responsáveis e

capazes de intervir no ambiente de forma a melhorar a qualidade de vida das diferentes espécies. Esse tipo de metodologia em EA é apresentado por Reigota (2004, p.37-43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que a EA vem garantindo um espaço cada vez maior na educação formal e não formal, e, igualmente, na mídia. O conceito de EA evoluiu com o tempo, tendo se iniciado como educação puramente ecológica para a conservação da biodiversidade e dos recursos naturais até chegar ao estágio que encontramos hoje, de educação pensada de forma complexa, situando os indivíduos em seus momentos histórico, social, político, econômico e cultural, e trabalhando com a interdependência desses contextos (GUIMARÃES, 2000). Contudo, ainda não encontramos uma unanimidade quanto ao conceito de EA, nem total coerência entre discurso e prática (LOUREIRO, 2004).

Essa falta de consenso se reflete nos produtos da mídia voltados para a EA. Sendo a internet considerada um meio democrático de disseminação de informações cada vez mais utilizado tanto por estudiosos do assunto quanto por leigos, é interessante observar como a EA aparece representada nessa mídia.

As páginas analisadas não podem ser consideradas como totalmente de acordo com a abordagem conservadora ou crítica da EA, mas percebemos uma maior tendência à abordagem crítica. Esta mistura de elementos de ambas as abordagens pode ser atribuída ao fato de que o conceito de EA foi se modificando ao longo do tempo, e por isso entre uma abordagem e outra vamos encontrar conteúdos que fazem referência ora a uma, ora a outra.

Talvez mais importante que classificar determinada página como condizente com uma ou outra abordagem seja a oportunidade que este exercício de análise nos dá de descobrir as diferentes linhas de pensamento e as contradições presentes no conteúdo dessas páginas, pois é este olhar crítico que deve ser desenvolvido e que nos permitirá tirar nossas próprias conclusões no futuro. O olhar mais detalhado sobre cada um dos textos analisados permite o reconhecimento de distintos elementos que nos auxiliam na escolha daquilo que seja, acima de tudo, condizente com nossas próprias crenças.

O número de páginas utilizado neste estudo é insignificante frente às opções retornadas pelas buscas (cerca de 590 mil resultados), e por isso não podemos generalizar os resultados obtidos através de sua análise. No entanto, ela pode ser utilizada como ponto de partida para outras análises e, sobretudo, como incentivo ao desenvolvimento do olhar crítico sobre esses e outros materiais e sobre o mundo que nos cerca.

Referências Bibliográficas

ABREU, T. B. & MARTINS, I. O discurso ecológico para o grande público: o caso do JB Ecológico. **Atas do V ENPEC**. n. 5, 2005. Disponível em <<http://www.fc.unesp.br/abrapec/venpec/atas/conteudo/artigos/1/pdf/p598.pdf>>. Acesso em 27 set. 2006.

BAUER, M.; RAGNARSDOTTIR, A. G.; RUDOLFSDDOTTIR, A. G. **Science and technology in the british press 1946-1960**. London: Wellcome Trust, 1995.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Lei Federal 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da

República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 28 de abril 1999. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=321>> Acesso em 12 ago 2010.

CADASTRA. O uso dos sites de busca no Brasil. 2005 Disponível em <http://www.cadastra.com.br/Pesquisa_Cadastra_O_Uso_dos_sites_de_busca_no_Brasil.pdf> Acesso em 09 abr. 2011.

GUIMARÃES, M. **Por uma Educação Ambiental Crítica**. In: Educação Ambiental. Duque de Caxias: UNIGRANRIO Editora, 2000. p. 15-24.

GUIMARÃES, M. **Educação ambiental: No consenso um embate?** São Paulo: Papirus, 2004. 94p.

GULLI, A. & SIGNORINI, A. **The indexable web is more than 11.5 billion pages**. In: The 14th International World Wide Web Conference. Chiba: Japão, 2005. Disponível em <<http://www.cs.uiowa.edu/~asignori/papers/the-indexable-web-is-more-than-11.5-billion-pages/size-indexable-web.pdf>>. Acesso em 20 maio 2011.

HOCHSTOTTER, N. & KOCH, M.(2009). **Standard parameters for searching behaviour in search engines and their empirical evaluation**. Journal of Information Science, v. 35, n. 1 p. 45-65, 2009. Disponível em <<http://jis.sagepub.com/content/35/1/45.full.pdf+html>>. Acesso em 09 abr. 2011.

JACOBI, P. **Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, março 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>>. Acesso em 16 maio 2011.

LAYRARGUES, P. P. **A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema-gerador ou a atividade-fim da educação ambiental?** In: REIGOTA, M. Verde cotidiano e meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 131-147.

LOUREIRO, C. C. B. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOUREIRO, C. C. B. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em Educação Ambiental. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, pp.1473-1494, set./dez. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27289.pdf>>. Acesso em 14 ago. 2006.

LOUREIRO, C. F. B; AZAZIEL, M.; FRANCA, N. **Educação ambiental e gestão participativa em unidades de conservação**. Rio de Janeiro: Ibase/Edições Ibama, 2003.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

REIGOTA, M. A. S. **Cidadania e Educação Ambiental**. Psicologia e Sociedade, n. 20, Edição Especial, p. 61-69, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20nspe/v20nspea09.pdf>>. Acesso em 07 maio 2011.

RIBISL, K. M.; LEE, R. E.; HENRIKSEN, L.; HALADJIAN, H. H. **A Content Analysis of Web Sites Promoting Smoking Culture and Lifestyle**. Health Educ. Behav. v. 30, n. 64, p. 64-78, 2003. Disponível em <<http://heb.sagepub.com/content/30/1/64>>. Acesso em 09 abr. 2011.

SILVA, I. C. S. & FREITAS, C. M. D. S. **Avaliação de ferramentas de busca na web baseadas em visualização de informações**. Anais do IHC 2006. Natal, RN, Brasil. 2006. Disponível em <<http://delivery.acm.org/10.1145/1300000/1298047/p178->

da_silva.pdf?key1=1298047&key2=1109732031&coll=DL&dl=ACM&ip=146.164.3.22&CFID=17278228&CFTOKEN=85572946>. Acesso em 09 abr. 2011.